

GALLACCI, Fábio. “Poeta dos excluídos” dá novo alento a andarilhos: segurança do Samim transforma os dramas das pessoas assistidas pelo serviço em rimas e usa sua arte para manter paz no albergue. Correio Popular, Campinas, 21 jul. 2002.

FÁBIO GALLACCI

Da Agência Anhangüera
gallacci@rac.com.br

O distintivo estampado no peito daquele homem que circula pelos corredores do Serviço de Atendimento ao Migrante, Itinerante e Mendicante (Samim) de Campinas é bem claro: segurança. Mas, ao contrário do que se possa imaginar, o baiano Manoel Lopes Trindade, de 39 anos, não usa a força ou o terror para manter a paz no local. As únicas armas que tem nas mãos são uma caneta e suas rimas. Trabalhando há um

ano e oito meses no Samim, o poeta fardado de vigilante encontrou nas pessoas que passam pelo local a sua maior fonte de inspiração. Os dramas do alcoolismo, a violência em família, o abandono das ruas, as belezas da natureza e até mesmo os recentes ataques terroristas que assombraram o mundo, tudo o que passa pelo olhar de Trindade acaba em poesia. Em um bem organizado caderno espiral guardado estrategicamente em uma gaveta de sua sala, ele já soma mais de 300 trabalhos escritos à mão e não hesita em declamar cada verso para as centenas de pessoas

que passam dia após dia no albergue. O sonho daquele que já foi apelidado pelos próprios andarilhos como o “poeta dos excluídos” é publicar a sua primeira obra.

“Comecei a escrever poemas em 97, depois de uma viagem para a Bahia, e não parei mais. Não tem um dia que não me apareça alguma idéia para pegar o caderno e riscar algumas linhas. Escrevo sobre a realidade do mundo, das pessoas”, conta um Trindade ainda acanhado, mas louco para

**Desde 1997,
baiano reuniu
300 trabalhos;
sonho é ver a
obra publicada**

ver o seu trabalho reconhecido. “Gostaria de transformar tudo isso em um livro, mas não tenho condições”, emenda o vigilante, que já enviou uma

pilha de cartas para vários programas de TV pedindo ajuda, mas não obteve qualquer resposta. “Sei que é muito difícil”, completa.

Mais do que simplesmente artístico, seu trabalho também tenta ser social. Além de entreter quem está mais acostumado a encarar o frio e o álcool, as poesias têm o obje-

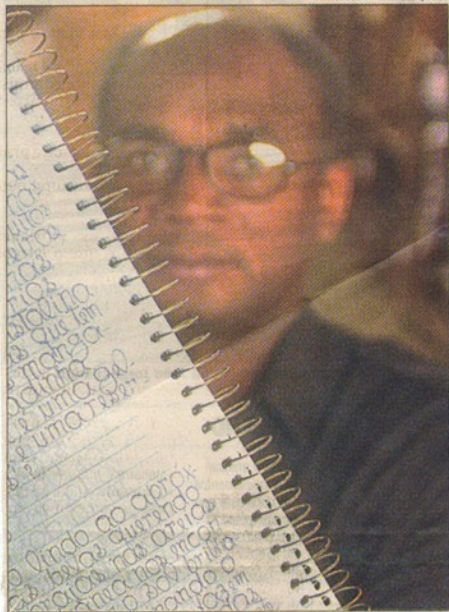
tivo de convencer. Não é raro vê-lo declamando os poemas para um grupo de moradores de rua, interessados na novidade. “Valorizar a natureza e a família é bem mais importante do que se acabar em uma garrafa de pinga”, aconselha Trindade.

Os colegas do Samim também apóiam a iniciativa e não negam admirar a força de vontade do vigilante, que consegue sonhar em um ambiente tão duro. “Sou testemunha do trabalho dele e acho muito legal alguém que ainda consegue ver as coisas da vida em forma de arte”, aprova o também vigilante

Joel de Lima.

A cabeça do artista, tinindo para ser descoberto, não pára um segundo. Até mesmo no caminho de ida e volta para o trabalho, sua caneta ‘grita’ para ser usada. “Já vi muitas pessoas daqui chorando depois de ouvir minhas poesias. Eu sou demais da conta, mesmo”, brinca.

Enquanto circula pelos corredores do Samim, garantindo a ordem e alegrando as mentes, Trindade continua sonhando em encontrar alguém que patrocine o lançamento de seu livro. Aos interessados, seu telefone de contato é o (19) 3231-2999.



O vigilante e escritor Trindade: Inspiração vem da platéia